

A INTELIGÊNCIA (PRE)ENCHE O CAMPO:
SOBRE O MODO ACTUAL DE PRODUÇÃO
DO CAPITAL FUTEBOLÍSTICO

Neste trabalho analisa-se, recaindo no caso português, a emergência da inteligência como categoria central na produção do repertório de bens materiais e simbólicos que caracteriza a ação futebolística. Patenteando que esse processo não é alheio à guinada institucional (ou escolar) do futebol, indissociável do advento da ideologia formadora precursoramente interpretada por Carlos Queiroz e, depois, emblematizada pela Academia do Sporting, sublinham-se então dois aspectos críticos: de um lado, a gramática da inteligência não pulverizou nem sequer esbateu a economia simbólica do dom futebolístico; de outro, ela virá rearticulando de forma original (e não sem contradição e tensões) os dois modos de produção do capital futebolístico: a escola e o mercado, sem que, tanto quanto se percebe, cada o ascendente deste sobre aquele.

Palavras-chave: inteligência; dom; capital futebolístico; guinada institucional; escola; mercado.

* O autor doutorou-se em 2008 com a tese *Culturas Adeptas do Futebol*. É docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigador do Cesnova e diretor da revista *Fórum Sociológico*. No plano científico, ultimamente vem se detendo no futebol e nos processos de inserção no mercado de trabalho de jovens licenciados. Sua publicação mais recente data já de 2012: um trabalho editado na revista *Análise Social*, "Deontologia e capitalização simbólica na advocacia portuguesa contemporânea", coautoria com Miguel Chaves.

Neste texto defender-se-á a tese de que, nos anos mais recentes, a inteligência se tem vindo a tornar em um princípio/instrumento central na produção do repertório de bens materiais e simbólicos que caracteriza a ação futebolística. Procuraremos também mostrar que a essa emergência se associa aquilo que denominamos de *guinada institucional do futebol* (a que, conceda-se, também seria possível atribuir a designação de *guinada escolar do futebol*). Esta guinada é tanto mais digna de ênfase quanto no que respeita ao modo como nas nossas sociedades os sujeitos sociais, e muito particularmente os sujeitos sociais enquanto indivíduos, são fabricados no quadro de atividades profissionais, conheceríamos o declínio do *programa institucional*, entendido como um modo de socialização ou mais precisamente um modo de relação com outrem (DUBET, 2002, p. 13). Se parece então que o futebol vai a contracorrente do mundo social, revestindo uma figuração socializadora, se não dissoluta, ao menos muito afrouxada, não devemos ceder ao afogo de saltar para a conclusão de que, agora, a ação futebolística se estaria a tornar *do nada* em um epifenômeno escolar. Ressalvar-se-á, por um lado, que a construção do cosmos futebolístico como espaço de artefatos e provas de inteligência não é coisa nova. Não é isso que se tem vindo a instaurar nos últimos anos. Por outro lado, a gramática da inteligência não pulverizou nem sequer esbateu a economia (simbólica) do dom futebolístico descrita e analisada em pormenor por Damo (2005); em contrapartida, a par dessa economia ela virá rearticulando de forma original (e não sem contradição e tensões) os dois modos de produção do capital futebolístico (DAMO, 2007, 2008): a escola e o mercado (FAURE; SUAUD, 1999).

FAZENDO A INTELIGÊNCIA ENTRAR NO CAMPO DE (DI)VISÃO SOCIOLÓGICA

A sociogênese da inteligência mostra que esta não é apenas categoria epicentral do entendimento escolar(izado), mas o produto de uma medida de discriminação escolar (BOURDIEU, 1984, p. 266) que cumpre uma função social de legitimação das diferenças de capital cultural de origem e de oportunidades de acesso a posições de poder – a inteligência oferece à desigualdade a base para uma discriminação mais do que aceitável justa e merecida. Como salienta Pinell (1995, p. 34),

desde o seu início que as disposições que as questões da inteligência exploram são aquelas que, para Norbert Elias, definem as propriedades do *habitus* psíquico *civilizado* tal como as podemos extrair do domínio/

controle das categorias morais *escolares* da época (advento do século XX). O golpe de força simbólica exercido por Alfred Binet (nota do autor: o psicólogo experimentalista francês que primeiro avançou com a resolução do problema instrumental da medida da inteligência sob a forma de uma escala métrica universal da inteligência) é justamente o de neutralizar a matriz social dessas propriedades para as tornar propriedades atribuíveis ao desempenho *normal* de uma função psicológica *superior*. O trabalho de naturalização das normas escolares de aprendizagem na tábua de conhecimentos culmina (i.e. reproduz-se) na naturalização das disposições infantis para acolher/adotar dentro das normas a ação civilizadora da escola. Estas disposições tornam-se então propriedades próprias à função intelectual *natural*.

Assim, pensar a proliferação da ação futebolística como ação inteligente implicará necessariamente equacionar a permeabilidade daquela a jogos sociais escolares. Mas não só. Com efeito, a constelação semântica para que a inteligência abra como categoria da prática assertiva vulgar sobre futebol vai além das formas sociais escolarmente instituídas, não obstante por vezes as mescle de maneira subterrânea ou sutil. Começemos por aqui.

Desde logo, se a inteligência opera como parâmetro da avaliação dos atributos individuais concretos dos jogadores de futebol, pode afastar-se, na prática classificadora, para significados bem diferentes que, por seu lado, encontram determinadas gramáticas sociais que clivam acentuadamente o espaço assertivo do futebol. Sem a preocupação da exaustividade, limitar-nos-emos a enunciar três casos de provas de inteligência em que isso acontece. No primeiro a prova coroa um deslocamento para o exterior da economia (simbólica) do dom futebolístico. Nos segundo e terceiro, não. Mas com uma diferença. Enquanto no segundo a prova concorre na gramática do dom, no terceiro ele de certo jeito a rechaça.

Primeiro caso. A prova de inteligência pode ser no essencial uma demonstração de astúcia e manha que não bule com os processos sociais do (re)conhecimento do dom (talento). Numa entrevista por nós realizada, o melhor exemplo de inteligência futebolística de que um ex-diretor de clube modesto se recordou transportou-nos a um episódio passado entre um velho – já bem dentro da casa dos 30 anos – zagueiro brasileiro e um valor emergente do futebol português ainda na sua segunda década de vida (portanto um *teenager*). As contingências das carreiras desportivas puseram-nos face a face num encontro da II Liga Portuguesa e bem juntos quando de um tiro de escanteio nem 15 minutos haviam transcorrido desde que o primeiro silvo do apito do árbitro lançara a partida. Não saíra a bola da marca já o zagueiro brasileiro tombara repercutindo em todo o

seu corpo maciço a força de uma testada pregada pelo jovem português nas barbas do árbitro. Este, conseqüentemente, expulsou-o sem titubear ou necessidade de consultar seus auxiliares. Que acontecera? É quase a gargalhar que nosso interlocutor soluciona o enigma. O experiente zagueiro não fora de modas: na confusão típica das situações de marcação de escanteio, aproximara-se do mocinho pouco calejado e, num ápice, encostara um dedo hirto à entrada de seu ânus ensaiando a penetração. Estoqueando sua virilidade, quer dizer, sua honra masculina, de maneira radical, obtivera o retorno desejado: menos um em campo do lado de lá.

Segundo caso. Na prova de inteligência pode entrelaçar-se a gramática do dom. Dialecticamente o mais dotado (em termos absolutos de valor futebolístico) tende a ser o mais inteligente, mas também curiosamente *per se* ou mescladas nenhuma dessas qualidades é suficiente para firmar a grandeza futebolística. Vem isto atrás duma convergência que observamos entre dois treinadores perto de cumprirem 60 anos de idade. Nem um nem outro vacilou quando, a nosso pedido, identificaram o jogador português mais inteligente de sempre: Mário Coluna, nascido em Moçambique, que chegou ao Benfica pela mesma altura que Otto Glória (técnico brasileiro que teria um papel crucial na modernização do futebol português – seria ele o introdutor, em meados dos anos 1950, das rotinas do trabalho profissional em todos os domínios da prática futebolística).

Coluna sobressaía em quase todas as áreas de apetência técnica que o jogo contempla (talvez à exceção da finta/drible). Em termos estritamente de engenho futebolístico, consumava esse virtuosismo num estilo elegante e particularmente letal que o converteu num dos jogadores mais temidos do futebol português e europeu dos primeiros anos da década de 60 do século passado. Apesar disso, isto é, como se isso não bastasse, seriam outros os atributos que definitivamente o distinguiriam da larga maioria dos mortais jogadores de futebol. Coluna era, (re)contam, abençoado por qualidades intelectuais ímpares: sua perspicácia analítica lhe permitia inclusive antecipar situações de jogo, detectar sinais mesmo que tênues de mudanças de maré de jogo, alertar colegas dispersos, precipitados; o seu ascendente/autoridade natural lhe possibilitava intervir rápida e eficazmente no jogo, a tal ponto que Otto Glória dizia que com Coluna em campo não faria mal cochilar no banco, tamanha a confiança em seu olhar clínico e em seu poder restaurador das dinâmicas de grupo; finalmente, seu conhecimento ainda que elementar da língua inglesa, raríssimo à época entre os jogadores portugueses, associado a seus modos finos e galantes porém determinados, lhe conferia uma capacidade persuasora nos grandes encontros internacionais que não raro surpreendia adversários e

os próprios juizes das partidas. Toda a razão (sociológica) ganha a medida que Eusébio, segundo confessou recentemente o próprio, nunca conseguiu deter quando interpelava o seu compatriota (moçambicano) mais velho: não se lhe dirigia sem antepor Senhor ao nome. Senhor Coluna, um *Senhor do Futebol*. A categoria vem a crismar propriedades discretas, quase intangíveis, que se entrecruzam na dupla figuração da grandeza futebolística – o talento e a inteligência – para produzir *qualquer coisa mais* – um dom humano – que garante um prestígio incomum, uma grandeza literalmente descomedida. O paralelo é irrefreável com análise por nós desenvolvida para a profissão de advogado.

Se a de futebolista não integra nem parece que possa vir a integrar a banda estreita das profissões imperiais (VARGAS, 2010), tal não impede que as qualidades performativas extraordinárias distinguidas/isoladas no *Senhor do futebol*, não vinculadas à competência técnica do ofício, no essencial bisem (ou espelhem) as que ventilam a escolha dos jovens advogados que pretendem ingressar nas seletas sociedades de advogados que dominam o panorama da advocacia na capital portuguesa, Lisboa (CHAVES; NUNES, 2011). Quem, em representação da advocacia societária, *separa o trigo do joio* atenta à *cultura geral*, à *autoconfiança*, permeada por alguma *serenidade* e *modéstia*, e ainda ao *pragmatismo* e ao *sentido da responsabilidade* dos candidatos. Para serem objeto de plena admiração, estas qualidades, tidas como características intrínsecas de personalidade (logo imunes à socialização profissional), deverão, por sua vez, ser embaladas numa postura descontraída propensa à exibição de humor sofisticado, no fundo numa combinação de fleuma e *finesse d'esprit*. Do seu afloramento na *hexis corporal* e nas elocuições do candidato infere-se então que se está perante sujeito que harmoniza a preparação técnica e a inteligência (como argúcia legal) num caráter destemido – alguém que não só vale como conhece o seu valor; na presença, pois, de um *Senhor*, preparado para se relacionar com todos os grandes dos diferentes mundos sociais (idem, p. 61).

Terceiro caso. A prova de inteligência repele a gramática do dom. Num contexto de argumentação de que a inteligência de um jogador deveria ser claramente distinguida de seu talento, um diretor de centro de treinos de um clube da I Liga Portuguesa, graduado em Ciências do Desporto, há uns anos (2004) explicava-nos:¹

¹ Chamando a explicação, não podemos deixar passar sem observação que devemos sempre ser prudentes na análise destas *conversas captadas do nada*, contentando-nos com uma contextualização vaga e imprecisa que mais não serve que para desviar o olhar sociológico do encontro entre as disposições tal como elas se revelam em competências objetivadas (nomeadamente em discursos) e as dinâmicas situacionais. Caso contrário, escapasse-nos o que as práticas devem aos quadros de interação em que se inscrevem, isto é, a parte importante das convenções que as regulam. Corremos portanto o risco de, como alerta País (2002, p. 126), “isolar exogenamente o contexto – tomado como rígida estrutura explicativa – dos acontecimentos que pretende explicar”.

Veja o caso do Pedro Emanuel. É um central (zagueiro) que, sendo fisicamente robusto, não é veloz nem muito alto, e nem se pode dizer que possa compensar sua falta de altura com uma impulsão excepcional. E muito menos se atreveria a dizer que compensa seus déficits físico-motores com uma capacidade técnica invulgar num central – não é nenhum André Cruz. Você olha para ele e, morfológica e tecnicamente, diz: aqui está um tipo que dificilmente passará da cepa torta; é jogador de II Liga ou, no máximo, de clube que luta para não ser relegado da I. E é isso que acontece? Não. O homem é titular do FC Porto, e nunca vi um treinador que não o gabasse, que não o quisesse. O que é que ele tem? Tem duas qualidades impagáveis: uma é a concentração – enquanto está lá dentro, nada nem ninguém o distrai do jogo; a outra é a inteligência. Você joga xadrez? Sabe aquela coisa do cálculo de lances e variantes? O Pedro Emanuel está sempre muito à frente. Ele vê o que vai acontecer porque é capaz de, na cabeça dele, gizar cenários, antecipar sequências. É por isso que durante o jogo raramente o vê em piques atrás de avançados ou a correr feito um doido de um lado para o outro e, quando chega o fim do jogo, tantas vezes parece fresco que nem alface. Eu sei que os adeptos (torcedores) adoram jogadores esforçados, que dão o litro, que acabam os jogos de gatas, mas é escusado. Quem, como ele, aplica ao jogo as regras do cálculo racional não precisa correr muito. Será, por acaso, uma coisa interior dele? Estou convencido de que não. O futebol hoje se joga no quadro de estratégias e cambiantes táticas; com bola mas especialmente sem bola, os movimentos dos jogadores dentro de campo refletem isso. A diferença do Pedro Emanuel para outros jogadores é que ele domina não apenas a teoria do futebol moderno mas a prática dessa teoria como poucos. Não tenho dúvidas de que ele estuda muito; ou então engana muito bem! E até digo mais: ficaria surpreso se não se tornasse, ele mesmo, treinador um dia. A relação intelectual com o jogo está dentro dele.

Pedro Emanuel, atualmente treinador da histórica Acadêmica de Coimbra, clube com pergaminhos no futebol português, é destarte o exemplo vivo mas devidamente dissecado de que a inteligência que cavalga o trabalho intelectual de conhecimento teórico: 1) incorpora a coleção/índice de atributos a partir dos quais se estima o capital futebolístico dos jogadores; 2) opera isoladamente, quer dizer, não tem de se aliar a outros atributos para ativamente regularizar a produção de juízos de valor futebolístico.

Um segundo domínio em que se observa que a constelação semântica (para que a inteligência abre como categoria da prática assertiva vulgar sobre futebol) transborda as formas sociais escolarmente instituídas é no trânsito de língua afiada e insultos entre torcedores do mesmo clube ou

de clubes diferentes; por exemplo, entre aqueles, as acusações de traição e infiltração encimam o pendor para o libelo e para a vigilância da moral e das virtudes torcedoras com a de estupidez, que rompe de forma ostensiva – chamando estúpido, burro, cretino, imbecil – ou na ironia (na verdade, na maior parte dos casos reveste a forma específica de zombaria) que compara o acusado a um ser não por acaso pré-escolar (com três, quatro, cinco anos de idade).

Um terceiro âmbito amalgama-se na *compulsão analítica* a que se subordina a *media desportiva*, dada a ver na revisitação do jogo como sequência de (des)encontros entre estratégia e tática, ou na *exponenciação do acidental* (expressão feliz do crítico de cinema português João Lopes) que transmuda essa compulsão num exercício de crítica moral implacável e consequentemente de redução do espaço de possíveis da conduta futebolística respeitável, normalizado em torno de feitos anódinos que refreiam a conversão da competição desportiva em conflito travado por seres moralmente deploráveis quando não bestiais (incivilizados), conflito que – incitado também ele pela lógica de funcionamento do subcampo desportivo do campo midiático – espregueia em cada novo episódio do jogo, dentro e fora das quatro linhas.

Finalmente um quarto terreno em que a inteligência vibra de modo difuso respeita a certas modulações da experiência torcedora visceral que articulam exteriormente elevada procura de imprensa desportiva escrita diária, intensa demanda de transmissões desportivas e alto nível de consumo continuado de televisão na modalidade informação e debate desportivo (NUNES, 2007). Se, sob certo ângulo de abordagem, concluímos que esses apontadores constituem apenas algumas das peças interligadas de um complexo mosaico que torna a larga maioria dos torcedores portadores de afinidade visceral *excepcionalmente focalizados* no clube, constituindo-os na única categoria de agentes amadores do futebol (DAMO, 2008, p.145), adotando outro enfoque, rematamos que *excepcionalmente focalizados* não deve ser confundido com (ou tomado por) expressividade dramática, alegria, euforia e aparato públicos, estetização e espetacularização da afinidade clubista, apresentação de si como ser dominado pela emoção, pelos sentimentos, sofrimento ou júbilo. Isso significaria uma vez mais reduzir o amor clubista à representação midiática, ventilada igualmente em certas produções literárias e cinéfilas, ao lugar-comum portanto. Se essa ficção entre o mais legítima uma forma da experiência amorosa (autêntica) pelo clube, não a esgota. Outras há, no limite construídas sobre as injunções lógicas e normativas do *habitus* psíquico civilizado (ELIAS, 1973) e dos mecanismos de racionalização da relação com o clube e o

futebol, que tomam a inteligência [desta volta como razão ponderad(or) a] como seu operador nuclear organizando-se sob a pauta cultural da discrição, da fleuma, da impassibilidade, valores que desencorajam toda a manifestação de perda de controle. Tal qual, notar-se-á, os grandes da economia, da política, do saber (acadêmico), isto é, aqueles que ocupam posições (homólogos) de poder.

DAS RAÍZES HISTÓRICAS DA INTELIGÊNCIA NO FUTEBOL

O arcano que se torna indispensável desvendar é que processos tornaram possível que a inteligência ingressasse na ação futebolística (não apenas a de atletas e técnicos, mas também de comentaristas, torcedores etc.), atendendo a que historicamente ela ganhou foros de lugar de suspensão da inteligência. E com razões de peso. Com efeito, a representação difusa do futebol como atividade adversa ao pensamento, ao engenho intelectual, à sensibilidade depurada no espírito civilizado² e à suavização do trato corporal na elegância dos gestos e das posturas³ confunde-se com a proletarização e masculinização do futebol moderno que ocorre não muitos anos após a secessão entre o Rugby e o Association Football que data do início da década de 70 do século XIX. Será sensivelmente da mesma altura o conhecido aforismo britânico que simultaneamente define o futebol como um jogo de senhores⁴ (*gentlemen*) jogado por rufias (arruaceiros, desordeiros) e o rugby como um jogo de rufias jogado por senhores (*gentlemen*). Esta notória clivagem sugere uma dupla marcação simbólica da ordem futebolística. Por um lado se destacarão os valores (axiais) da ação futebolística: a virilidade, a coragem física, a lealdade, o espírito de entrega e de sacrifício, o sentido do dever e do trabalho árduo, a capacidade de luta até à exaustão, a sobreposição do coletivo ao individual, valores que historicamente se estilizaram no *kick and rush* que, apesar das exceções, até há bem pouco tempo (anos 90 do século XX) permaneceu como o

² Esta representação é também objeto de codificações científicas, ou mais exatamente interiores à esfera da produção sociológica/antropológica. Jean-Marie Brohm, a partir de uma Sociologia crítica de inspiração marxista e frankfurtiana, desenvolve uma crítica radical do desporto e do futebol, dizendo, entre muito mais, que mobilizam as pulsões arcaicas de predação, de assassinato, de linchamento, de destruição e de autodestruição, para concluir que futebol é a barbárie (1998, p. 16).

³ Nós mesmos fomos expostos a essa representação quando, vindos dos objetos bem estabelecidos da Sociologia da cultura, decidimos abalancar-nos a conferir sentido sociológico à *ação futebolística*. Numa conversa informal com um prestigiado pesquisador de uma das instituições de Ciências Sociais mais exaltadas de Portugal, cedo percebemos que ele tentava demover-nos da inflexão temática que nos propúnhamos encetar. A tentativa finalmente se tornou evidente quando ele declarou: é pena que vá por aí, o futebol é uma atividade simbolicamente muito pobre.

⁴ Vale a pena notar que o *football association* se desenvolve originalmente nas *public schools*, escolas essas que nada tinham de públicas no sentido moderno do termo. As *public schools* eram as escolas altamente seletas, onde só se encontravam fileiras aristocráticas e burguesas bem estabelecidas. Em suma, como diria Elias, dos *estabelecidos*.

estilo de jogo britânico, quer dizer, valorizado, necessário e insubstituível entre as equipes britânicas (MIGNON, 1998; MASON, 1999). Por outro lado, avultará o casamento dessas propriedades normativas com uma certa situação de classe: a operária (HOLT, 1994). Quase desde a sua origem as condições estavam então criadas para que o futebol, os seus palcos e encenações rituais ao sábado se tornassem *loci* onde a *tacanhês de espírito* combinaria perfeitamente com a *pequenez* dos seus seres (protagonistas) para firmar uma lógica interna que suspenderia o *Aufklärung* (as emoções primárias a sobrelevarem o poder – providencial – da Razão) e a sua categoria modal: a inteligência, entretanto objeto de codificação instrumental e integrada no índice da classificação escolar.

No caso português restituir os processos sócio-históricos que anularam ou pelo menos controverteram a conotação do futebol como prática que antagoniza o *habitus* civilizado (a *ultima ratio* da inteligência) e por aí abriram caminho para a inscrição na ação futebolística dum modo institucionalizado de socialização afim da inteligência implica olhar para a tensão heterológica entre emoção e razão que caracteriza o entendimento futebolístico.

A tensão heterológica entre emoção e razão pode ser diretamente remetida à específica padronização cultural do futebol, efeito mais complementar do que antinômico dos dois meios midiáticos através dos quais o futebol se popularizou, meios que induziram por seu lado dois modos diversos (mas não opostos) de consumir simbolicamente os bens futebolísticos. Falamos da rádio e da imprensa escrita, com particular destaque ao jornal *A Bola*, que começa a ser publicado em janeiro de 1945, e a um dos seus fundadores: Cândido de Oliveira, homem que, além de jornalista, foi jogador, treinador, teórico, dirigente, tendo dedicado toda a sua vida ao ensino e à divulgação do futebol (DOMINGOS, 2004, p. 30).

Se a ideia do sofrimento e, conseqüentemente, a pauta emocional que magnetiza a experiência futebolística a um caleidoscópio de emoções são, ainda hoje, uma constante da prática futebolística,⁵ importa ressaltar que, no caso português, essas propriedades dramáticas foram construídas e institucionalizadas na era d'ouro da radiofonia. Nos Dias da Rádio (categoria que apresa o arco temporal que recobre o período que medeia entre as décadas 40 e 80 do século XX) enquanto dias de relatos e tran-

⁵ Do lado dos jogadores espera-se que *saibam sofrer*, exibam *espírito de sacrifício*, sejam do tipo *antes quebrar que torcer*; se necessário for, *deixem a pele em campo*. Do lado da descrição do jogo, a torto e a direito utilizam-se palavras como *luta*, *ameaça*, *perigo*, *massacre*, fala-se de *cabeça baixa*, *humilhação*; intitulam-se os protagonistas de *réus* e *culpados*; não se abdica, pelo final da longa peleja que os campeonatos constituem, de enfatizar a *sobrevivência* de uns em contraste com a *despromoção* de outros. Tudo isto recoberto em arcaísmos militares cuja raiz metafórica há muito se desvaneceu: *campo*, *defesa*, *ataque*, *flancos*, *ponta de lança*, *disparos*, *tiros*.

sístores, primeiro sem e depois à míngua de transmissões televisivas, a comunicação futebolística desenvolveu-se como *tratado de emoções fortes* enquanto instrumento para prender a atenção dos ouvintes, ao mesmo tempo prendendo-os ainda mais ao clube preferido. O jogo até podia ser uma pasmaceira, parado, chato, inconsequente; mas o relato, pelo fomento do *suspense*, da dramatização, manipulando sentimentos básicos de segurança, transformava-o na coisa mais excitante e inquietante do mundo.⁶

A contraponto, *A Bola* chama a si uma função mais didática, concorrendo de resto com o perfil intelectual de seu fundador Cândido de Oliveira (e também de Ribeiro dos Reis, seu par de iniciativa editorial). Como sublinha Domingos (2004, p. 31), em *A Bola* a cobertura da atividade desportiva completa-se na vontade de divulgar o jogo, de explicar as suas regras, a evolução das táticas, a importância da formação. É neste quadro que se destaca a figura de Cândido de Oliveira, que assume o papel de pedagogo, homem que conjuga conhecimento de instrumentos teóricos internacionais sobre o jogo, de que se faz embaixador nacional, e protagonismo da evolução interna do jogo enquanto treinador. O pioneirismo de Cândido de Oliveira ancorado na sua múltipla polarização institucional⁷ (embora haja que considerar que não se tratavam de esferas de vida social reciprocamente autonomizadas) instaura uma tradição⁸ que, apesar da erosão a que foi sujeita pela mercadorização do jogo, (também) persiste até hoje. A racionalização da atividade declinaria numa analítica mais ou menos

⁶ Não é, portanto, insólito que o adepto a sério, que internaliza o vínculo ao clube como aspecto vital da sua identidade pessoal, entre outros sentimentos, sofra. No potencial calvário da equipe, designada de *nós*, está o seu próprio. Para piorar as coisas, a sua exposição ao desaire e à humilhação extrema-se na razão da sua considerável impotência. Porque não dispõe do capital futebolístico suficiente (DAMO, 2008, p. 145) não pode entrar em campo e participar da *luta*, neutralizar os *perigos* e *ameaças* que cada ataque mortífero do adversário constitui. Isso cabe aos 11 *de nós* que estão lá dentro. Talvez daí tanta mezinha, superstição e credência, como se, por aí, fosse possível dar a volta à impotência. Pensar tudo isto como reação irracional, patológica, que desvirtua o encanto do futebol e torna insano o prazer que ele pode proporcionar, é passar em claro que a história do futebol é também a história da emergência dum complexo xadrez emocional de que o sofrimento, como a felicidade, é peça-chave. Esse xadrez emocional não é de todo irracional; antes, um dos produtos da racionalidade do futebol, produto justamente corporizado na figura que os brasileiros, com imaginação certa, inventaram: o torcedor.

⁷ Cândido de Oliveira não é apenas o homem de vários ofícios e instrumentos. A sua vida inclui uma dimensão de resistência política ao Estado Novo. É um dos poucos portugueses instruídos espancado pela polícia política e que passa uma temporada no agreste campo de concentração do Tarrafal, que o próprio intitula *Pântano da Morte* (SERPA, 2004), localizado na ilha do Sal no arquipélago de Cabo Verde. Vem a morrer precocemente (com pouco mais de 60 anos), em 1958, na sequência de uma afeção pulmonar (pneumonia) sofrida enquanto cobria para o seu jornal a Copa do Mundo de Futebol que em junho desse ano decorria na Suécia.

⁸ Tradição que ajuda a perceber o caso português mas não o ínsula na forma de uma singularidade. A influência muito significativa de jornalista na formação do campo futebolístico, designadamente de seu repertório de bens e transações simbólicos, está também bem documentada por exemplo para o caso brasileiro (LOPES; FAGUER, 1994; HOLLANDA, 2010, entre outros).

reflexiva e cosmopolita, quer dizer, versada nas diferenças dos possíveis estilos e variantes de jogo, que viria a integrar as competências básicas a cujas aquisição e prática (desenvolta) o genuíno *homo futebolisticus*, seja ele treinador, jogador, diretor ou simples torcedor, não se poderia furtar, sob pena de se franquear à desclassificação na hierarquia dos seres reconhecidos do campo.

De *A Bola* dessa vetusta configuração da ação futebolística vale ainda reparar nos seus horizontes de referência. Apesar de seus ensaios para a *differentia specifica*, durante muitos anos nas suas páginas imperou uma orientação paraliterária. Descrevendo ou comentando o jogo, o corpo redatorial desse periódico cuja história se confunde com a própria história do futebol português (KUMAR, 2004) nunca se coibia de profusamente se socorrer do código sociolinguístico elaborado (para utilizar a terminologia de Bernstein), emprenhando sua legitimidade jornalística como um alargamento da esfera da produção literária, a que até atrairia novas franjas de leitores, familiarizadas com aquele código através da leitura dos relatos e das crônicas desportivas que suas páginas retinham. Este traço estrutural – jamais equacionado como espartilho; ao contrário, esgrimido como trunfo para diminuir a concorrência jornalística – era por seu lado aveludado em narrativas porventura mitificadas sobre o capital cultural excepcionalmente elevado de alguns de seus jornalistas. Nós mesmos tivemos oportunidade de recolher o testemunho com a voz embargada pela emoção e pela veneração de um jornalista hoje idoso que, quando iniciara jovem a atividade, fizera sua formação especializada numa dessas redações históricas de *A Bola*. Contou-nos que assistira com regularidade a discussões vivas e fluentes tidas não em português mas em latim. Muitos dos redatores eram verdadeiros *Hommes de Lettres* que mereciam todo o reconhecimento autoral do nome com que grafavam os textos que publicavam no jornal.

Assim, prolongando os relevos idiossincráticos de Cândido de Oliveira, *A Bola* materializa a inscrição da produção simbólica sobre futebol e sobre desporto no regime da mediação cultural, inclinando a um envolvimento reflexivo, afim da tertúlia que demarca *les beaux esprits*, do objeto em que inteligência e inteligibilidade convergem fundando-se na autoridade intelectual do redactor-escritor. Mas se essa inscrição, progressivamente consolidada até que o futebol se tornasse um produto televisivo, chega e sobra para explicar a constituição de uma demanda socialmente plural caracterizada por um modo articuladamente ex-

tático e analítico de consumir futebol,⁹ em contrapartida não poderia dar conta da guinada escolar que viria, no caso português corriam já os anos 90 do século XX, a inserir a inteligência no cardápio dos princípios da ação futebolística e das lutas de classificação simbólica que nela se tramam, ainda que objeto de valorização e instrumentalização muitas vezes ambivalente. Para restituir essa guinada é para outros protagonistas e proscênios que temos de nos virar, a começar em Carlos Queiroz, que desempenha um papel decisivo na emergência e institucionalização da ideologia formadora no futebol português.

DA GUINADA INSTITUCIONAL: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MODO ESCOLAR DE PRODUZIR O CAPITAL FUTEBOLÍSTICO

Carlos Queiroz, presentemente selecionador do Irã, e coincidentemente também ele oriundo de Moçambique, é o treinador que conquista para Portugal os seus primeiros títulos mundiais (ou europeus) de futebol enquanto nação. Fá-lo nos Sub-20 em duas edições consecutivas (1989¹⁰ e 1991). Essas conquistas, que lhe granjeiam notoriedade e prestígio na *media* portuguesa sem precedentes entre treinadores desprovidos de currículo sênior, culminaram um trabalho que vinha desenvolvendo desde que em 1987 fora recrutado pela Federação Portuguesa de Futebol para organizar todo o futebol das seleções juvenis. Como todos seus os colaboradores próximos (membros do *staff* técnico por ele escolhidos), Carlos Queiroz

⁹ Uma questão interessante a que não estamos em condições de responder categoricamente é saber em que medida as transformações operadas na esfera da mediação/difusão desportiva vão afetar este modo. Em conversa informal, um diretor de jornal desportivo dizia-nos que a extensão das peças (sejam preparativos, antevisões de jogo, balanços de jornada, casos e polémicas do momento ou mesmo entrevistas a protagonistas) contraiu para “cerca de 1/3 em relação ao que era no início dos anos 90”. Justificando: “as pessoas não têm nem tempo nem paciência para ler. Querem saber isto ou aquilo em particular. É isso que temos de lhes dar”. Acontece que as coisas não são assim tão lineares. A convergência reconhecida do jornalismo desportivo impresso na *forma de conteúdo* da notícia (breve, esquemática, informativa, mas também sensacional e, sim, adversa a formas literário-cultivadas) corou a deslocação do jornalismo desportivo da instituição desportiva para o campo mediático. Ademais, esta migração, catalisada por forte incremento das transmissões de jogos de futebol em direto, coincidiu no tempo com um rápido processo de concentração dos *media* portugueses nas mãos de grupos económicos, com a conseqüente subsunção da informação (também a desportiva) na figuração da mercadoria. Toda esta teia de relações, descrita e analisada pormenorizadamente por Kumar (2004), foi-nos indiretamente testemunhada por um jornalista da velha escola. Confidenciou-nos que não suporta as orientações editoriais “dos chefes”. Acusou-as de repercutirem em exclusivo um senso de negócio, de obsessão com a concorrência, aí enraizando o declínio (a deterioração) do jornalismo desportivo, quer quanto a conteúdos quer quanto à própria qualidade da escrita. De fato, as competências dos “garotos que pr’ái andam agora” não escaparam à sua forte censura. “Dão erros de palmatória e ainda sou eu que às vezes safo a situação e não deixo o jornal fazer má figura na edição da internet.” Referia-se neste ponto ao fato de, na forma virtual, em que as notícias são publicadas *na hora*, “a cair minuto a minuto”, o trabalho institucional de revisão de texto quase ser suprimido pelo ritmo de publicação, perdurando apenas em práticas informais como aquelas que ele mesmo protagonizava. Pauperização de um corpo redatorial, de um jornal, de um ofício literário: é difícil imaginar que não produzam efeitos.

¹⁰ Em bom rigor em 1989, a edição respeitou a Sub-19, que era, à época, o último escalão do futebol juvenil da Fifa.

é diplomado pelo Instituto Superior de Educação Física de Lisboa (escola hoje designada Faculdade de Motricidade Humana, integrada na Universidade Técnica de Lisboa), sendo supletivamente *expert* em Metodologia do Treino Desportivo de Alta Competição, pericialidade que de resto putativamente teria determinado o convite para supervisionar a formação das futuras elites do futebol português.

A ascensão de Queiroz ao galarim simbólico do futebol luso, nas dimensões-chave que aqui interessa reter, em simultâneo ilustra e firma uma sensível transformação estrutural na configuração da ação futebolística na subesfera da prática de orientação técnica. Até ele, os licenciados em Educação Física como ele ocupam uma posição subordinada nas comissões técnicas: tutelados por outrem (por norma ex-jogadores que enveredam pela carreira de treinador), atêm-se a ministrar o treino físico. Com ele, instaura-se a possibilidade de que chefiem as comissões técnicas. Mas esta modificação da correlação de forças entre agentes da prática técnica não se produz sem gerar fortes tensões: a diluição em curso da velha ordem hierárquica das comissões técnicas caminha no sentido de, no mercado respectivo, o capital escolar se erigir em única mina legítima da aquisição do capital técnico. A questão – o processo – é, pois, menos de inversão da hierarquia do que de monopolização da prática: treinar (com propriedade, isto é, com conhecimento teórico de causa, rigor, método e eficácia) passaria a ser em exclusivo assunto de gente provida de uma caução académica para o fazer.

Está já aqui bem patente a guinada institucional (escolar) sem a qual não se pode entender a ascensão da inteligência a categoria charneira do entendimento futebolístico. Mas ela não se esgota no desenho do ramallete de relações sociais de poder que (des)une os técnicos portugueses. Ela se substantiviza (ou colma) no advento de um modelo de socialização que renova profundamente o horizonte de expectativas recíprocas que regula a interação entre os protagonistas emblemáticos da ação futebolística. Em que pilares se alicerça esse modelo emergente? Tudo vem da ideia, forjada três décadas antes,¹¹ de que não é possível passar da ação individual, condenada ao fracasso competitivo por mais habilidosa que seja, à ação coletiva sem mediação intelectual, estudo e tecnologização das formas e práticas corporais. Para se ser capaz não tanto de reeditar/papaguear discursivamente a máxima que afirma o ascendente do coletivo sobre o individual como alavanca do êxito desportivo, mas de a incorporar nos movimentos

¹¹ De fato a modernidade futebolística vinha-se definindo já desde os anos 1950 em Portugal, curiosamente adotada não de modo direto da influência europeia mas da sua tradução chegada da América do Sul. Também por cá – em Portugal – emerge nessa altura “o novo modelo desportivo (que) exigiu que os jogadores adquirissem uma nova morfologia corporal que (contrariasse) [...] as ‘más condições naturais’ que incapacitavam a adaptação (dos jogadores portugueses) ao futebol moderno” (GIANO, 2004, p. 56).

do corpo que o jogo estimula, é necessário: 1) conhecer o jogo teoricamente como um espaço em que os deslocamentos individuais cumprem estratégias e relevam técnicas corporais que, quando muito, consentem matiz tática; do mesmo passo; 2) conformar o corpo a uma combinação de morfologia atlética e potência cardiorrespiratória sustentada no saber técnico do perito (responsável pelo preparo físico) e em um estilo de vida (ascético) sujeito a extensa regulação, a ponto de esta abranger o (auto)controle da alimentação e da atividade sexual. Isso implica, lógica e consecutivamente: a) a subordinação da prática futebolística à teoria do futebol e às técnicas de amestramento do corpo; b) a integração de prática cognoscitiva na *maîtrise* prática do jogo; c) a aquisição de disposição não só favorável a essa integração, como capaz de pulverizar/neutralizar as resistências subjetivas ditadas pela exposição anterior dos jogadores a condições de prática futebolística *não teórica* e *não técnica*; d) a posse da capacidade básica – a inteligência – para que essa aquisição tenha uma probabilidade razoável de se concretizar.

Mais uma vez é Queiroz o intérprete (privilegiado) da difusão/imposição desse modelo teórico-tecnológico de socialização. Impô-lo e torná-lo bem-sucedido, quer dizer, praticá-lo de maneira a gerar os efeitos pretendidos, não é todavia o mesmo. Entre os moços de Riade (1989) e de Lisboa (1991) todos os cinco de quem recolhemos depoimentos amargaram as longas preleções do selecionador. Tudo o mais que na vida nas seleções representava para eles novidade (por contraste com os *usos e costumes* trazidos dos clubes de origem) era ótimo e/ou compreensível (o nível de exigência, os horários, a alimentação, os exercícios nos treinos, inclusive as interrupções/paragens nestes para falar/chamar a atenção/corriger em que Queiroz era useiro e vezeiro), mas as dissertações teóricas do *Professor* que compendiam o adversário e a bolsa de opções para o jogo, exposições que amiúde se estendiam além da hora de duração, eram deveras insuportáveis; a ponto de nenhum as comportar sem desligar (deixar de prestar atenção) por períodos consideráveis.

É importante salientar que o processo que guindou Queiroz aos píncaros da *distinção futebolística* constituiu também um processo de personalização dessa distinção construída como feixe convergente de atributos notáveis. Do retorno da matéria probatória exibida – à cabeça, os êxitos desportivos a que, no biênio indicado, esteve intimamente ligado – não pode ser rasurado o trabalho sociossimbólico sobre a personagem que reforçou a grandeza técnica numa grandeza cultural e social. Em contraste com os seus pares que chegaram à profissão pela via prática da carreira prévia de futebolistas profissionais, que são identificados pelo nome (ou nominhos)

ou pelo tratamento cortês e acatador mas algo incerto de *Mister* (classificação que vingara fruto da longa estirpe de técnicos ingleses recrutados pelos clubes portugueses de maior expressão), Queiroz depressa ganha o apodo *Professor Carlos Queiroz*; por outro lado, enquanto nos primeiros grafos do seu nome consta Carlos Queirós, à medida que sua reputação se fortalece se instala o grafo arcaizante do apelido, que em Portugal, a par de sobrenomes notoriamente estrangeiros (franceses, alemães, ingleses), denota as famílias importantes dotadas de genealogias que penetram fundo na história da nação. Assim, a autoridade técnica se estriba a mais em (e se torna a simbiose de) um capital cultural instituído e um capital social reconhecido que empolam a grandeza do protagonista e enfatuam as comunidades de admiradores de que fala Heinich (2003) que ele magnetiza.

Por razões que não vêm ao caso, Carlos Queiroz investe numa retórica de ruptura (HOLLANDA, 2010) que eventualmente o levará a entrar em conflito com a Diretoria da Federação Portuguesa de Futebol em finais de 1993 já enquanto selecionador da equipe principal de Portugal que falha o apuramento para o Mundial de 1994 nos Estados Unidos da América e a aventurar-se na sua primeira experiência como treinador de clube. O clube que (o) escolhe – por onde de resto Queiroz peneira sem glória, prensando a fama que o persegue desde então em Portugal de que tem muitas dificuldades em lidar com grupos de homens feitos – constituirá a próxima arena institucional onde os *enjeux* contraditórios do futebol moderno (FAURE; SUAUD, 1999) que procuramos explorar neste texto encontram terreno fértil: o Sporting Clube de Portugal.

Desde meados da década de 1990 este clube provou profundas transformações. De um modelo geral de organização e gestão subordinado à lógica imediatista e tradicional do *êxito desportivo e em especial futebolístico* rodara para um modelo integral que se pode sintetizar na expressão *empresarial* e acomodá-lo no ideal da *praxis* capitalista. Mas é preciso reconhecer que na origem desta rotação esteve, além do objetivo de promover a regeneração econômica e institucional do clube (ao tempo – como hoje de novo, embora por razões diferentes – a caminhar velozmente para o abismo), a necessidade de o adaptar às exigências de um *mundo do futebol* também ele em acelerada mudança. Em 1995, os padrões de funcionamento paroquianos que regiam o Sporting já eram, na verdade, há vários títulos obsoletos. Depois do famoso *acórdão Bosman*, que data do final desse ano,¹² não era mais possível mantê-los.

A consequência desse acórdão, sublinhar-se-á, não pode ser equacionada só em termos de liberalização do mercado de futebolistas e da escalada

¹² Exarado pelo Tribunal Europeu de Justiça, data de 15 de dezembro de 1995.

diferencial dos salários, com o reforço dos potentados do futebol do Velho Continente. Na verdade, finda a era da ordem protecionista que garantia as hierarquias internas aos diferentes países, e com o *frenesi da capitalização* (como a designa Giulianotti), que é simultaneamente causa e efeito da desregulamentação das transmissões televisivas, dá-se uma rápida integração dos mercados do futebol. “Para os clubes pequenos situados em mercados pequenos, como a Escócia e a Holanda [e, acrescentamos nós, Portugal], o mercado transnacional é de fato uma séria ameaça” (KING, 2003, p. 82). Séria ameaça que se recorta em planos combinados: acesso aos melhores jogadores e às vitórias desportivas, aos proventos diretos e indiretos do negócio (receitas de bilheteria, de sponsorização, de venda de produtos de clube, volume e dispersão relativa do capital em bolsa etc.), finalmente ao estatuto ou mais rigorosamente ao *estado de engrandecimento*, em que os princípios de equivalência e os objetos de prova (material e simbólica) reenviam além-fronteiras, alargando-se mesmo ao globo inteiro.

Sob o impulso da nova filosofia mercantil ocorreram no Sporting primeiro mudanças menos perceptíveis para o leigo, de cariz estatutário. Elas destinaram-se a preparar o terreno para o que se haveria de seguir com brevidade: as imponentes novas realidades organizacionais e infraestruturais cuja concretização depressa avançou. Na verdade, tudo se passou com velocidade meteórica, a ponto de se poder dizer, com suficiente segurança, que, enquanto instituição desportiva, de 1995 para 2003, altura em que inaugura o seu novo Estádio, o clube pouco mais conservou que o nome e o equipamento que perduram a história do clube.

Data todavia não de 2003 mas do ano anterior – 2002 – a inauguração que vinca a componente desportiva da estratégia empresarial que o clube traçara em meados dos anos 1990. Referimo-nos à Academia de Alcochete, centro de formação e treino de alta competição futebolística que emblematiza a vocação formadora do clube. Situada em local relativamente ermo – a cerca de 40km de Lisboa na margem sul do rio Tejo –, foi-nos apresentada por um presidente do clube como a “menina de seus olhos, mais importante que o Estádio, porque é dali que se intensificará a capacidade competitiva e financeira do clube; é dali que se poderá cumprir a epifania de José de Alvalade”, fundador do clube que, no distante ano de 1906, visionariamente estabeleceu a meta de fazer do Sporting *um grande clube, tão grande como os maiores da Europa*.

Para perceber esta aposta num projeto formativo é preciso ponderar que pela época do acórdão Bosman o Sporting não estava apenas espartilhado pelas rápidas mutações que o futebol europeu nesses dias conhecia. A sua situação na competição interna também não era boa. Não obstante

integrasse, com Benfica e FC Porto, a restrita plêiade dos Clubes Grandes de Portugal, há mais de dez anos que não provava o doce sabor da vitória numa prova de relevo. Talvez pior do que isso, perdera para o FC Porto a posição na rivalidade maior do país, polarizada desde os anos 1940 pelo Benfica. Esse ocaso desportivo, por seu turno, tinha tido significativo impacto financeiro, provocando uma espiral decadente que tornava cada vez mais difícil emular a seus homólogos de grandeza.

DOS EFEITOS DA GUINADA ESCOLAR: RECONSIDERANDO O ASCENDENTE DO MERCADO NA PRODUÇÃO DO CAPITAL FUTEBOLÍSTICO

A adoção da ideologia formadora de fato vai modernizar o Sporting, mas num sentido que se desvia sensivelmente do aspirado. Com ela o clube entra na nova configuração do campo futebolístico em que coexistem e se opõem dois modos de produção do capital futebolístico – a escola e o mercado (FAURE; SUAUD, 1999, p. 117) – numa posição dominada. Na verdade essa aposta, apreendida a partir da lógica de funcionamento do espaço de futebol, mais não é que, quanto à excelência desportiva, a estratégia simbólica mais rendível dos clubes que, constringidos por desigualdades de meios orçamentais, não podem ombrear com os mais abastados no acesso, através do mercado, aos jogadores mais dotados de capital futebolístico, ou ao menos que já deram provas firmes em campo do seu valor defendendo as cores de outras agremiações desportivas.

Não surpreenderá que o clube, podendo, como bandeira de sua aposta, brandir Cristiano Ronaldo e Nani enquanto exemplos da eminência de sua formação, desde lá (abertura da Academia) para cá ciclicamente caia na real de que, nos (novos) tempos que correm, o modo de produção cultural (escolar) do capital futebolístico se subordina ao modo econômico. Se a época de 2011-2012 adensará uma inversão estratégica – entre o período de verão (julho e agosto de 2011) e de inverno (janeiro de 2012) o clube adquiriu 19 novos jogadores, num investimento econômico (mais de 40 milhões de euros) sem paralelo na história recente de sua deriva empresarial –, a tensão associada à *mentira doce* de que a aposta formativa traz dividendos competitivos superlativos faz que esta, mesmo quando impera – ou seja, não é alienada perante a crua evidência dos resultados, podendo até continuar a ser martelada e saudada efusivamente –, revista formas que se assemelham a chaves de autodesmontagem. Concluíam-se as obras da Academia, fixara-se já seu nome que a sedimentaria na ordem do capital cultural, um diretor do clube confessava-nos, sem papas na

língua, que a sua simultânea ambição e expectativa era a de que ela – a Academia – viesse a ser (*ipsis verbis*) “uma fábrica de jogadores”; instalação fabril que provesse época após época, geração a geração, a equipe principal e as finanças do clube, numa sequência virtuosa de produção (na fábrica), valorização (contribuindo para o êxito da equipe principal) e rendibilização (vendendo aos potentados do futebol europeu) de suas mercadorias (os jogadores).

Se esta gramaticalização industrial e mercantil (BOLTANSKI, 1990) da Academia enfatiza a tensão objetiva a que se presta a aposta formativa, por outro lado ela reenvia para a própria sujeição do capital escolar na instituição futebolística. Com efeito, um centro de formação, seja qual for o nome através do qual se dê à classificação (social), nunca pode ser mais do que uma “*escola ao contrário* [...]”: trata-se de formar futebolistas profissionais e não diplomados” (FAURE; SUAUD, 1999, p. 122). Esta realidade de resto nem é matéria de ocultação e/ou mistificação. Um responsável por centro de formação de um clube rival, embora nos rogasse para não registrar digitalmente essa parte do depoimento e manter anônima a fonte da informação, foi categórico: “aos 16 anos¹³ chega a hora de decidirem. Chamo-os e ponho tudo preto no branco: meu menino, como é: o futebol ou a escola? As duas coisas juntas não dá mais”. Em versão mais mitigada, ensaiando a compatibilização mas sem dissimular/amaciar a secundarização do capital escolar, Aurélio Pereira, guru do Sporting e do futebol português no aspecto da detecção de talentos, em entrevista concedida ao matutino generalista de Lisboa *Diário de Notícias* declarava em outubro de 2008: “Criámos uma Academia essencialmente para formar jogadores, não vamos ignorar isso. A filosofia da Academia é essa, (mas) quando escolhemos o nome de Academia Sporting em vez de centro de estágio não foi por acaso, porque a Academia não trata só dos pés, trata também da cabeça. Maus alunos felizmente temos poucos.” Alguns anos depois a evidência empírica para o caso português “corroborava” a conclusão para o caso francês (FAURE; SUAUD, 1999, p. 123 – tradução nossa).

A insistência com a qual os treinadores devem regularmente relembrar a preeminência das finalidades propriamente desportivas e competitivas da formação traduz as ambivalências de uma “escola de futebol” que deve conciliar os *enjeux* educativos e os imperativos de uma profissionalização desportiva. A posição duplamente dominada do profissionalismo desportivo e das práticas desportivas no espaço das práticas culturais explica por que as finalidades propriamente futebolísticas dos centros de formação

¹³ A idade a partir da qual os jogadores, com as devidas autorizações parentais, podem enfim celebrar contratos de formação.

não podem ser abertamente desligadas dos valores educativos sem perderem uma grande parte da sua legitimidade. O projeto desportivo dos alunos das escolas de futebol é assim levado a construir-se na base de um projeto escolar que porém não se pode autonomizar. Um aprendiz de futebolista que se tome por um liceal, *a fortiori* por um estudante, não saberia se dedicar de corpo e alma à sua vocação.

A entrevista a Aurélio Pereira em paralelo permite apurar dois outros dados cruciais para compreender a rearticulação contemporânea da escola e do mercado como modos de produção do capital futebolístico. Por um lado, a economia simbólica do dom (talento) não se dissolveu na instituição futebolista hipercapitalizada; por outro lado, nos centros de formação como *escolas ao contrário* tratar-se-á da cabeça e não só dos pés mas apenas a quem tem cabeça, quer dizer a quem é assaz inteligente para dominar os múltiplos jogos sociais que convergem na ação futebolística. A proplástica se delimita assim:

Aqui só entram bons jogadores e talentos. Mas os talentos não são completos e os bons jogadores, com trabalho, atitude, perseverança, autoestima e disciplina, podem chegar a ser grandes jogadores. [...] Depois há dois tipos de talentos, os que são completos, com cabeça, tronco e membros, e aqueles a quem falta cabeça.

Tentar-nos-á reduzir esta inclinação cognoscitiva a papo furado ou amenidade ideológica que cumpriria no essencial a função de legitimar as finalidades propriamente futebolísticas dos centros de formação. Mas esta tese não escapa ileso nem à crítica calcada na teoria sociológica geral nem à prova empírica. Se passaremos parcimoniosamente por aquela para realçar que as ficções/fantasia socialmente sancionadas produzem efeitos tão reais como as realidades que inventam (não são portanto meras ilusões ou artefatos eufemísticos ao serviço duma certa atividade legitimadora), em contrapartida demorar-nos-emos (um pouco mais) na prova empírica que tem como pano de fundo (mais do que matéria-prima) um conjunto de entrevistas realizadas com atletas das camadas juvenis do Sporting na própria Academia do clube.

Durante essas entrevistas nunca foi possível desalojar a prestação dos atletas juvenis, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, da trincheira de lugares-comuns e etiquetas polidas que preenchem a cosmovisão típica do jogador de futebol consagrado. Em termos simples, obstinaram-se em dizer quase nada, reproduzindo automaticamente bagatelas inofensivas, regularidade tanto mais impressionante quanto nunca detectamos indícios – vagos que fossem – de que tivesse sido concertada, e muito menos

encomendada. Que significaria essa retração fundada numa impecável mimetização de fórmulas discursivas de prodigalização/evitamento de polêmicas e controvérsias, sim, ou não fosse o futebol um campo de debates (GUEDES, 2009), mas também de tomadas de posição axiologicamente incertas a que os profissionais recorrem quando são forçados a tomar a palavra? Indicaria que os nossos interlocutores seriam ineptos, lesados por escassos recursos culturais e quiçá cognitivos?

A solução começou a alinhar-se através de um psicólogo que, em um outro centro de formação de jovens futebolistas, reconstruía perfis psicológicos, além de monitorar os que viviam longe de casa e da família. “Mas claro que isso ia acontecer: se você faz entrevistas, então tem de ser jornalista ou repórter. Eles pintam-se consoante a pinta que nos tiram. Se não bater certo, ou se não for convincente, paciência – desde que não sobre para eles, não há problema.”

Na verdade o que os garotos teriam feito conosco era gerir as impressões num quadro de interação com muitas das propriedades da instituição total. Sob aspectos variados a experiência de centro de formação assemelhar-se-á à experiência concentracionária: também ela implica vida reclusa sujeita a regras e formas explícita e pormenorizadamente regulamentadas (GOFFMAN, 1961). O mais notável desta hipótese/solução é que ela aponta para que, na situação de entrevista, os jovens atletas massivamente haviam acionado, por familiaridade incorporada, uma audiência plausível que aglutinara as expectativas a que a conduta corporal e a prática linguajeira se conformariam de modo a assegurar a preservação de si e de sua face (evitando embaraços e vergonhas) perante o outro (imaginado). Valendo a tese, acresce razão para dar crédito à conjectura de que, por mecanismos de socialização antecipatória, os jovens atletas expostos à ordem da interação plural que flui nos centros de formação tornar-se-ão rápida e precocemente peritos, como os futebolistas profissionais, na arte da gestão (dramática) das impressões, variável consoante as audiências: pares, ou seja, jovens atletas como eles mesmos, alguns deles concorrentes diretos por certas posições dentro da equipe, todos eles meninos aprendendo a ser homens (GUEDES, 1998, p. 132-133), treinadores, dirigentes, torcedores, jornalistas, pais e outros familiares e até namoradas.

O que se tira daqui é que, se esta multiplicidade de jogos sociais encerrados e antepostos na ação futebolística requererá um estofo emocional relativamente incomum, igualmente não dispensará uma argúcia intelectual invulgar. Esta “pista” tornou-se enfim menos especulativa ao ouvir um treinador com cerca de 50 anos cuja carreira enquanto técnico se fez praticamente toda nos escalões de formação dar a sua achega:

Você sabe lá as pressões e a esquizofrenia a que os miúdos estão sujeitos no quotidiano. Sabe que muito deles chegam a desabafar comigo que não sabem por que os pais hoje lhes são tão próximos? Temem que seja por motivos venais, pelo dinheiro; aos 16 anos não é um nem dois ou três que são o principal ganha-pão da casa. E depois vêm os empresários que os apapricam e aliciam as famílias com roupas de marca, frigoríficos (geladeiras) e televisores e até carros e o raio que os parta e nós que queremos que eles evoluam e se habituem aos rigores da disciplina profissional mas que também os incentivamos a não se desleixarem, a não descuidarem os deveres escolares, que pode ser a safra deles se o futebol não der; e tantos conflitos que surgem entre pais e diretores, pais e treinadores, pais e empresários, à frente deles. Para lidar com isto é preciso resistência, estaleca! (vigor), mas é preciso também inteligência, inteligência fina. Dizem que o futebol não é para meninas, pois eu digo que ainda é menos para burros. Têm de ser sagazes e malandros: o que dizer a quem; o que fazer a e com quem; a quem não se deve dar troco, às vezes passando-se tudo ao mesmo tempo ou quase. Então nas palavras têm de medir e calcular tanto... mesmo quando são infantis e outros uns sacanas duns egocêntricos vivem no terror de que lhes cortem as pernas, de caírem repentinamente no esquecimento, na miséria. É terrível. Já vi tantos miúdos com um jeito fenomenal para o futebol não suportarem isto ou então perderem-se por estarem sempre fora de órbita.

Última incógnita, derradeira prova (mas largando todo o lastro para pesquisa mais densa e conclusiva): onde está afinal a evidência empírica de que a gramática da inteligência que vai (re)talhando a ação futebolística moderna resulta da guinada escolar a que a instituição futebolística se teria exposto? Num pequeno testemunho recolhido duma conversa com um treinador que versava as qualidades futebolísticas e humanas dos jovens atletas sob sua orientação que ele considerava mais promissoras. A dado passo, referindo-se àquele a que augurava um futuro mais auspicioso confidenciou:

O Jó (nome fictício), apesar de vir de um bairro problemático, não acredito que se perca: é craque a sério e esperto como um alho. É calão, não liga nada à escola mas um dia um colega meu apanhou-o aí com colegas dele da mesma idade à volta de uns trabalhos de casa de Matemática se não me engano de equações do 2.º grau. E então o que é que o menino estava a fazer? Enquanto os colegas tentavam resolver os exercícios no papel, ele fazia-os de cabeça. O meu colega à primeira nem quis acreditar naquilo. Testou-o. Foi ao livro e tirou uns exercícios duma página diferente e o que é que aconteceu? O Jó também os solucionou na boa.

Este testemunho convoca imediatamente “o papel das ciências na seleção escolar em que a matemática se tornou a medida de toda a inteligência” (BOURDIEU, 1984, p. 265), mas também vinca o quão abusivo é pensar os valores educativos – em particular a inteligência – exclusivamente como operadores (simbólicos) da legitimidade dos centros de formação supostamente orientados hodiernamente para a fabricação de jogadores dotados de valor de mercado. O que sucederá é que esses valores ao integrarem os princípios de categorização partícipes da ordem sociossimbólica da instituição futebolística não ficarão intactos. Pensando na inteligência, do seu enxerto no estado atual da instituição desportiva, caracterizado por dois modos de produção do capital desportivo hierarquizados entre si, seguir-se-á que os atores dos processos sociais objeto dessa dupla estruturação (escolar e mercado) terão de apostar e rendibilizar os recursos sociais (relacionais) e informacionais que detêm, sejam estes mais ou menos volumosos, de forma mais calculada/estratégica que antes. Noutras palavras: terão de provar a sua inteligência, sim, mas só aquela que funda e resulta das dinâmicas sociais autônomas da instituição futebolística.

REMATANDO (AO LADO)

Querendo-nos ater deliberadamente ao caso português, outros efeitos não produziu a guinada institucional, ao manifestar-se, em última instância, como *códice do habitus* psíquico civilizado, certamente tornará literalmente inconcebíveis narrativas como as que, ainda nos anos 90 do século passado, metamorfoseavam os mais insígnis embaixadores do futebol luso – os que suam em campo a camisa das quinas – em *bas-fonds* da sociedade, *casta de gente* moralmente envilecida por práticas lúdicas degradantes e intoleráveis como defecar da janela de um quarto de hotel no decurso de um estágio ou, também em estágio, contratar e sovar em grupo uma prostituta.¹⁴ Estórias dessas não aparecem mais, o que muito provavelmente quer dizer que móbil assim, capaz de engendrar repulsa visceral, se tornou se não impossível muitíssimo improvável em razão do duplo modo de produção do capital futebolístico que entretanto se impôs por todo o lado. Menos mau, dir-se-á. Nem tudo o que, hoje, o futebol extingue, nem tudo o que cria deve suscitar nostalgia ou ser deplorado. Sejamos todavia um pouco mais audazes (e analíticos) na inferência. A moralização do jogo plasmará/

¹⁴ Referimo-nos ao Caso Paula, que ganhou especial expressão pública – quer dizer, foi muito além do bate-boca e do rumor – e provocou enorme alvoroço porque foi desencadeado na *media* por uma reportagem da estação de televisão SIC emitida no programa *Os Donos da Bola* em maio de 1997. Nessa reportagem denunciava-se, com base em testemunhos de intervenientes, que em pleno estágio da Seleção Portuguesa um grupo de jogadores contratara os serviços de acompanhantes de luxo brasileiras e algo corraera mal: na sequência de orgia sexual, uma delas havia sido violenta e, alegava-se, gratuitamente agredida muito em particular por um titular da Seleção. A reportagem gerou processos judiciais que tramitaram durante vários anos nos tribunais.

condensará ela própria a dinâmica complexa que permeia a estruturação do futebol moderno. A expansão do mercado que, no seu vórtice, mercadorizará até o *estado de ágape* (BOLTANSKI, 1990) do torcedor arquetípico – de que não haverá ilustração mais cristalina do que o filme *Fiel* sobre a saga do rebaixamento do Corinthians à série B em 2007 – não esvaziará de teor moral as relações sociais que envolvem os agentes do futebol; teor que, por sua vez, entravarará que o mercado tudo subsuma na confiscação utilitarista do capital futebolístico. E pensando bem percebe-se porquê: tanto a gramática do dom quanto a da inteligência, que estão na base da contínua significação daquele capital, não são somente arbitrários culturais que apresam o entendimento dos atores, sujeitando-os à (auto)censura de seus cones de sentido; constituem igualmente gramáticas morais nas quais se adensa o sentido de justiça desses atores, urdindo as formas aceitáveis (mesmo que sejam abertamente quimeras) que a significação gera a talhe de (i)merecimento – ou de (in)justificação.

ABSTRACT

Focusing on the Portuguese case, this paper makes sense of the rise of intelligence as a central category in the production of the material and symbolic artifacts that specify the action that takes place within the football social world. Linking this process to the institutional shift, intertwined with the upsurge of the tutoring ideology initially embodied by Carlos Queiroz and, later on (as an upshot), made into an icon by Sporting's Academy, two crucial aspects are then spotted: first, intelligence grammar did not wipe out or even softened the symbolic economy of the footballer's gift (or talent); second, that grammar re-arranged (not free of contradiction, tension and setbacks) the two modes of football's capital production: school and the market, but still without reversing the upper hand of the latter.

Keywords: *intelligence; gift; football's capital; institutional shift; school; market.*

REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo. Possession ou mouvement: le football en Argentine ou en Norvège. In: HÉLAL, Henri; MIGNON. (Eds.). *Football, jeu et société*, Paris: Cahiers de l'INSEP, n. 25, p. 113-120, 1999.

BOLTANSKI, Luc. *L'Amour et la Justice comme competences: Trois essais de sociologie de l'action*. Paris: Métailié, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Le racisme de l'intelligence. In: _____ *Questions de Sociologie*. Paris: Minuit, 1984. p. 264-268.

BRASÃO, Inês. Anatomia de um jogador de futebol. In: NEVES, José; DOMINGOS, Nuno (Orgs.). *A Época do Futebol: O jogo visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, 2004. p. 143-164.

BROHM, Jean-Marie. *Les Shootés du Stade*. Paris: Paris-Méditerranée, 1998.

BROMBERGER, Christian. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Bayard, 1998.

BROWN, Adam. Not for sale? A destruição e a reforma das comunidades futebolísticas na aquisição do Manchester United pelos Glazer. *Análise Social*, n. 179, p. 555-582, 2006.

CHAVES, Miguel; NUNES, João Sedas. As classes sociais já não contam? Advocacia e reprodução social. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 66, p. 49-70, 2011.

CLAUSSEN, Detlev. Sobre a estupidez no futebol. *Análise Social*, n. 179, p. 583-592, 2006.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.

DEFRANCE, Jacques. La politique de l'apolitisme. Sur l'autonomisation du champ sportif. *Politix, Dossier 'Sport et politique*, n. 50, p. 13-27, 2000.

DELAPLACE, Jean-Michel. *L'Histoire du Sport, L'Histoire des Sportifs: Le sportif, l'entraîneur, le dirigeant, 19^{ème} et 20^{ème} siècles*. Paris: L'Harmattan, 1999.

DOMINGOS, Nuno. O gesto no jogo. In: NEVES, José; DOMINGOS, Nuno (Orgs.). *A época do futebol: O jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, 2004. p. 23-54.

DUBAR, Claude. *La socialisation*. Paris: Armand Colin, 2002.

DUBET, François. *Le déclin de l'institution*. Paris: Seuil, 2002.

DURET, François (Dir.). *Faire équipe*. Paris: Armand Colin, 2011.

DURET, Pascal; TRABAL, Patrick. *Le Sport et Ses Affaires: Une sociologie de la justice de l'épreuve sportive*. Paris: Métailié, 2001.

ELIAS, Norbert. *La Civilisation des Moeurs*. Paris: Calmann-Lévy, 1973.

FAURE, Jean-Michel; SUAUD, Charles. Charles. Un professionnalisme inachevé. Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 103, p. 7-26, 1994.

FAURE, Jean-Michel; SUAUD, Charles. *Le Football professionnel à la française*. Paris: PUF, 1999.

FREITAS, Altieres Dias de; LEMOS, Glauber. A formação de jogadores e o aprendizado das regras do futebol: aproximações socioantropológicas. In: XIV CISO ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 14., 2009, Recife.

GIANO, Roberto di. O Mundial da Suécia e o brusco abandono de um estilo. *Manifesto*, n. 6, p. 52-57, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Asylums. Essays on the social situation of mental patients and other inmates*. New York: Doubleday, 1961.

GOFFMAN, Erving. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.

GUEDES, Simone Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, EDUFF, 2008.

_____. Que povo brasileiro no campo de futebol. *Razón y Palabra*, n. 69, 2009.

HEINICH, Nathalie. Art et sport au regard d'une sociologie de la singularité. In: DURET, Pascal; BODIN, Dominique (Dir.). *Le sport en questions*. Paris: Chiron, 2003. p. 125-133.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

HOLT, Richard. La tradition ouvriériste du football anglais. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 103, p. 36-40, 1994.

KING, Anthony. *The End of the Terraces: The Transformation of English Football in the 1990s*. London: LUP, 2002.

_____. *The European Ritual: Football in the new Europe*. England: Aldershot & Burlington, 2003.

KUMAR, Rahul. Da bancada aos sofás da Europa: apontamentos sobre os *media* e o futebol no século XX português. In: NEVES, José; DOMINGOS,

Nuno (Orgs.). *A época do futebol: O jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, 2004. p. 231-262.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. *Moving with the Ball. The Migration of professional footballers*. Oxford: Berg. 2001.

LOPES, José Sérgio Leite. Les origines du jeu à la brésilienne. IN: HÉLAL, Henri; MIGNON, Patrick (Eds.). *Football, jeu et société*. Paris: Cahiers de l'INSEP, n. 25, p. 65-84, 1999.

LOPES, J. S. L.; FAGUER, Jean-Pierre. L'invention du style brésilien. Sport, journalisme et politique au Brésil. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 103, p. 27-35, 1994.

LOPES, José Sérgio Leite; FAGUER, Jean-Pierre. Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998. *Estudos Históricos*, n. 23, 1999.

MASON, Anthony. Grandeur et déclin du kick and rush anglais ou la révolte d'un style. In: HÉLAL, Henri; MIGNON, Patrick (Eds.). *Football, jeu et société*. Paris: Cahiers de l'INSEP, n. 25, p. 47-64, 1999.

MIGNON, Patrick. *La Passion du football*. Paris: Odile Jacob, 1998.

MIGNON, Patrick. L'argent du football. *Pouvoirs*, n. 101, p. 89-104, 2002.

NASH, Rex. Contestation in Modern English Professional Football: the independent supporters association movement. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 35, n. 4, p. 465-486, 2000.

NUNES, João Sedas. *Culturas adeptas do futebol, o espaço plural da condição adepta: práticas e identidades* (policopiado). 346f. 2007. Dissertação (Doutorado) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007.

NUNES, João Sedas. Torcendo e nem tanto: onde para a (re)produção social?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: < www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com...>.

PAIS, José Machado. A contextualização sociológica pela via do quotidiano. *Sociologia da Vida Quotidiana*. Lisboa: ICS, 2002.

PERELMAN, Marc. *Les Intellectuels et le football: montée de tous les maux et recul de la pensée*. Paris: Les Editions de la passion, 2000.

PINELL, Patrice. L'invention de l'échelle métrique de l'intelligence. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 108, p. 19-35, 1995.

- RODRIGUES, Francisco. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, n. 11, p. 260-299, 2004.
- RODRIGUES, João; NEVES, José. Do amor à camisola: notas críticas da economia política do futebol. In: NEVES, José; DOMINGOS, Nuno (Orgs.). *A época do futebol: O jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, 2004. p. 165-229.
- SANTOS, Ana. Eusébio, o processo de construção de um ícone da nação. *Manifesto*, n.6, p. 80-91, 2004.
- SERPA, Homero. Cândido. *Manifesto*, n. 6, p. 78-79, 2004.
- SOUZA, Camilo A. M. de et al. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, n. 30, p. 85-111, 2008.
- SPAGGIARI, Enrico. Questões em torno do aspecto socializador das escolinhas de futebol. In: ENCONTRO DA ALESDE, 1., 2008, Curitiba. *Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas*, 2008.
- VARGAS, Hustana Maria. Sem perder a majestade: “profissões imperiais” no Brasil. *Estudos de Sociologia*, n. 28, p. 107-124, 2010.
- WAGG, Stephen. Anjos de todos nós? Os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. *Análise Social*, n. 179, p. 347-369, 2006.

